

Para economista italiano, Brasil deve fortalecer oligopólios nacionais

RIO – “Proponho que países emergentes construam oligopólios domésticos capazes de competir com oligopólios estrangeiros, tanto no âmbito nacional quanto no internacional.” A proposta é do professor italiano de economia Giovanni Dosi, da Escola de Estudos Avançados de Sant’Anna, em Pisa, na Itália. Para ele, o Brasil deveria desenvolver essa política industrial para fazer frente aos concorrentes, adicionando ao modelo medidas protecionistas com o objetivo de preservar e alavancar a tecnologia desenvolvida no país.

Dosi diz que foi criando grandes grupos que ocorreram processos de industrialização bem-sucedidos, como nos Estados Unidos. Afirmo que são as empresas nacionais que dão sustentação ao processo de industrialização de um país por meio da inovação tecnológica.

Ao contrário do que muitos pregam e outros tantos imaginam, diz o professor, as companhias internacionais são muito rápidas em transferir e mesmo adaptar sua tecnologia para se instalarem em mercados emergentes, mas não são inovadoras.

Quando prega o protecionismo, Dosi se diz a favor do aumento de impostos apenas para os fabricantes estrangeiros, a fim de diminuir suas margens de lucro, de forma que seja preservado o preço final do produto e o consumidor doméstico não seja prejudicado com a elevação de preços. Por isso, se posiciona contra a elevação do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) para carros que não possuam ao menos 65% de conteúdo nacional ou sejam fabricados fora do Mercosul ou do México, medida adotada pelo governo brasileiro e que entrará em vigor em dezembro.

Dosi diz que, há dez anos, nas relações com a China, o Brasil era basicamente um país exportador, não só de commodities, e agora o país passou a ser importador de todos os tipos de bens.

“Que fazer?”, pergunta. “Acho que o Brasil precisa de mais proteções domésticas contra a China. Eu sei que há a OMC (Organização Mundial do Comércio) para regular o mercado, mas acho essencial controlar a indústria doméstica”, diz.

Para o Brasil desenvolver seu parque industrial e ser competitivo internacionalmente, o país precisa reduzir sua taxa básica de juros (Selic), tornando o custo do crédito mais baixo, e garantir linhas de financiamento de longo prazo, como vem fazendo o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDES), diz. “Reduzir juros é uma questão essencial para o Brasil, mas não o suficiente.”

Depois de quatro anos sem vir ao país, Dosi está no Rio de Janeiro para participar do seminário “Novo Pensamento Econômico – Contribuições do Brasil para um Diálogo Global”, organizado pelo **Think Tank Minds** e pela Fundação Ford. Em sua palestra, na terça-feira, ele abordará o tema política industrial.

Nesses quatro anos, Dosi diz ter visto evoluções no Brasil, como o aumento do mercado consumidor doméstico e o trabalho do BNDES, mas o país continua a carecer de uma “educação generalizada”. “Mais poderia ser feito, especialmente nas educações primária e secundária”, afirma.

Como exemplos de empresas brasileiras competitivas e com acúmulo de tecnologia, Dosi cita a Vale e a Embraer, companhias que predominam em seu segmento de atuação no mercado doméstico e fazem frente a seus pares internacionais. “Tipos de empresas como essas norteiam a dinâmica dos oligopólios domésticos.” Para ele, o Brasil precisaria ter mais empresas como Vale e Embraer espalhadas por outros setores da atividade industrial.

Com o atual cenário macroeconômico, no qual as economias centrais do mundo crescem a baixas taxas ou próximas da estagnação, avalia Dosi, o Brasil ainda terá sua indústria de base aquecida em razão da demanda chinesa. Ele projeta que a China continuará a impulsionar a economia mundial, mas em ritmo bem mais moderado que anteriormente.

“A China seguirá demandando commodities de países como o Brasil e bens de capital (máquinas e equipamentos) de países como a Alemanha”, afirma Dosi.